



O Imperialismo Macedônico e o ocaso das escolas socráticas de filosofia.

Rodrigo Pinto de Brito¹

Submetido em Agosto/2012

Aceito em Janeiro/2013

RESUMO:

Usualmente, se tem atribuído ao desenvolvimento e crescimento do Império Macedônico o papel de causalidade histórica para justificar o ocaso das filosofias socráticas em Atenas e o surgimento das filosofias helenísticas. Neste artigo propomos a desconstrução desses nexos causais para tratar os fatores históricos que propiciaram o florescimento do Estoicismo no começo do período helenístico, bem como o desaparecimento do socratismo.

Palavras-chave:

Império Macedônico - Escolas Socráticas - Estoicismo.

ABSTRACT:

Usually a role of historical causality has been attributed to the growth and development of the Macedonian Empire as the responsible for the disappear of the Socratic philosophies in Athens and also for the emergence of the Hellenistic philosophies. So, in this paper we propose the deconstruction of such casual links to treat the historical factors that propitiate the Stoicism's flourishing in the beginning of the Hellenistic period, as well as the Socratism's disappearing.

Keywords:

Macedonian Empire - Socratic Schools - Stoicism.

Lista de Abreviações:

¹ Cursa o Doutorado em Filosofia pela PUC-Rio, a Graduação em Letras Português/ Grego na UERJ e é Professor Assistente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, atuando em pesquisas sobre História das Filosofias Helenísticas e linguística.



De Stoi. = Filodemo, ‘Os Estóicos’.

D.L. = Diógenes Laércio, ‘Vidas dos Filósofos’.

Hist. = Heródoto, ‘História’.

Tucid. = Tucídides, ‘História da Guerra do Peloponeso’.

Vit. Par. = Plutarco, ‘Vidas Paralelas’.

i- (Des)construção histórica:

Quando se pensa na inserção das filosofias de matriz socrática na sociedade ateniense dos sécs. V e IV a.C., com seu apelo a uma vivência mais participativa nas coisas da cidade, sua disseminação pelas mais diversas classes sociais e sua infiltração nas mais variadas mentes, há que se estranhar o seu desaparecimento progressivo no fim do séc. IV e ao longo do séc. III a.C. Tradicional e fragilmente, tem-se apontado causas para este ocaso, sendo a falta de estrutura das escolas e a nova dinâmica social surgida quando do imperialismo macedônico as duas mais importantes.

A primeira das causas possíveis, a falta de estrutura das escolas socráticas, ou melhor, a falta de preocupação em se estruturar melhor as “escolas” socráticas como o quê a tradição veio a chamar de escola de filosofia, apesar de ser um fator de peso, encerra mistérios que devem ser desvendados. Antes de tudo, se pensarmos nas filosofias Cirenáica, Megárica, Cínica,² Platônica e no Liceu, perceberemos que um rigor estrutural maior em torno de uma doutrina filosófica e do seu ensinamento,

² Sobre Aristipo de Cirene, fundador do Cirenáismo, e seus discípulos ver *D.L.* II 65-104. Há a partir do passo 86 uma descrição da doutrina Cirenáica e também das divergências surgidas entre os discípulos diretos de Aristipo e os discípulos de seus discípulos que atrapalhou a continuidade da doutrina.

Sobre Euclides de Megara, fundador da escola Megárica, ver *D.L.* II 106-120, onde se poderá notar a fragilidade da sucessão dos discípulos de Euclides.

Os Cínicos gozam de uma grande seção em *D.L.* que compreende os passos VI 1-105. Apesar de não ter havido uma sistematização da Escola Cínica como instituição, até porque isso seria contrário à própria doutrina Cínica, o Cinismo sobreviveu durante bastante tempo, extravasando os limites de Atenas e vigorando pelo período helenístico afora. Inclusive, houve Cínicos na corte de Alexandre, como Onesicrito. Então, rigorosamente, o Cinismo não há um ocaso do Cinismo, cuja peculiaridade será melhor analisada na seção seguinte sobre ‘Zenão de Cítio’.



entendido como escola, só ocorre com o platonismo, através da Academia, fundada diretamente por Platão³ e, com o Liceu, fundado diretamente por Aristóteles⁴. Assim sendo, aberrante é, na verdade, uma sistematização escolar da filosofia de matriz socrática, tendo em vista que a maioria das filosofias dessa matriz não se preocupou com tal sistematização. Além disso, pensemos no pouco que se pode saber sobre a filosofia e a vida do próprio Sócrates (caso em que vida e filosofia se amalgamam)

³ Apesar de não haver entre antigos um rigor maior com citações e fontes, bem como uma diferenciação explícita entre o que viriam a ser ‘história’ e ‘estória’, estando o gênero biográfico flutuando entre ambos, a sucessão de filósofos platônicos é razoavelmente bem documentada, abaixo cito trechos exclusivamente de *D.L.* que nos apontam essa sucessão:

‘Seus discípulos [de Platão] foram: Espeusipo de Atenas, Xenócrates da Calcedônia, Aristóteles de Estagira, Filipo de Opus, Hestaios de Pêrintos, Díon de Siracusa, Ámicos de Heraclea,...’ (*D.L.* III 46).

Especificamente sobre Espeusipo:

‘Seu sucessor [de Platão] foi Espeusipo, filho de Eurimêdon, ateniense do demos de Mirrinús e filho de Potone, irmã de Platão, e escolarca durante oito anos a partir da centésima oitava Olimpíada. Mandou erigir as estátuas das Graças no recinto das Musas, instituído por Platão na Academia. Espeusipo permaneceu fiel à doutrina platônica...’ (*D.L.* IV 10).

Uma outra questão interessante ligada à sucessão das escolas e que aparece em *D.L.* versa sobre os testamentos dos filósofos que, por mais espúrios que sejam, exibem como os biógrafos compreendiam a institucionalização dessa sucessão:

‘Platão deixou estes bens e estas disposições (...) meus testamenteiros são Leostenes, Espeusipo, Demétrio, Hegias, Eurimêdon, Calímaco e Trásipos.’ (*D.L.* III 41-43).

⁴ Comparada com a da Academia de Platão, a sucessão do Liceu é muito mais bem documentada:

‘Aristóteles nasceu no primeiro ano da nonagésima nona Olimpíada, e se encontrou com Platão aos dezessete anos de idade e frequentou-lhe a escola durante vinte anos; foi para Mitilene no arcontado de Êbulos no quarto ano da centésima oitava Olimpíada. Quando Platão morreu no primeiro ano daquela Olimpíada, no arcontado de Teófilos, ele foi juntar-se a Hermias, e ficou com o mesmo durante três anos. No arcontado de Pitódotos, no segundo ano da centésima nona Olimpíada, viajou para a corte de Filipe, na época em que Alexandre tinha quinze anos de idade. Sua volta a Atenas ocorreu no segundo ano da centésima décima primeira Olimpíada, e lá Aristóteles lecionou no Liceu durante trinta anos...’ (*D.L.* V 9-11).

Vejamus parte do ‘testamento’ de Teofrasto:

‘Que tudo vá bem; entretanto, se algo acontecer eis as minhas disposições extremas. Lego todos os meus bens existentes em minha casa a Melantes e Pancrêon, filhos de Léon. Dos recursos à disposição de Híparcos quero que sejam feitas as seguintes apropriações. Em primeiro lugar, devem ser concluídas as obras para a reconstrução do Museu com as estátuas dos deuses, e deverá acrescentar-se tudo que possa contribuir para adorná-lo e embelezá-lo. Em segundo lugar, a imagem de Aristóteles deverá ser colocada no templo com todas as oferendas votivas que estavam no mesmo. Além disso, o pequeno pórtico de acesso ao Museu deverá ser reconstruído, não mais rústico que o primitivo. As tabuletas que representam a rotação da Terra deverão ser colocadas no pórtico inferior. (...) Lego a Calinos a pequena propriedade que possuo em Estagira. A Neleus lego toda a minha biblioteca. Lego o jardim e o passeio e toda a casa vizinha ao jardim aos amigos mencionados abaixo que desejem estudar juntos e juntos cultivar a filosofia...’ (*D.L.* V 51- 53).

E também parte do ‘testamento’ de Estráton, sucessor de Teofrasto como escolarca do Liceu:

‘Os executores deste meu testamento serão Olímpicos, Aristeides, Mnesígenes, Hipócrates, Epicrates, Gorgilos, Dioclés, Lícon e Atanes. Deixo a escola a Lícon, já que os outros são muito idosos ou muito ocupados; será bom, entretanto, que os demais cooperem com ele. Deixo-lhe também toda a minha biblioteca...’ (*D.L.* V 62).



conforme representadas por Platão, Xenofonte e Aristófanes e veremos alguém disposto mesmo a morrer em nome da filosofia e da razão, mas não a fundar uma escola.

É facilmente presumível que Aristóteles tenha se inspirado nos modelos escolares da Academia de Platão ao fundar o Liceu que, apesar disso, era institucionalmente muito mais bem estruturado do que a própria Academia. O Liceu dispunha de uma enorme biblioteca, de espécimes de animais e plantas, sem falar em propriedades e dinheiro, para isso, o próprio Aristóteles pôde contar inclusive com o auxílio de seu ex-pupilo que em brevíssimo se tornaria o homem mais poderoso do Mediterrâneo e além, Alexandre, que, pelo que se pode deduzir do que nos diz Plutarco⁵, apesar de em rota de colisão com seu antigo mestre, ainda se cercava de discípulos de Aristóteles em sua corte, o mais importante deles, Ptolomeu I Sóter que além de ter sido pupilo de Aristóteles quando o filósofo esteve na Macedônia se tornaria sátrapa do Egito e governaria as terras banhadas pelo imenso Nilo de sua nova capital, Alexandria, célebre pela biblioteca inaugurada pelo próprio Ptolomeu I e incrementada pelo seu filho (Ptolomeu II Filadelfo), mas que mais do que abrigar livros era o maior centro de saber jamais imaginado pela mente humana, e funcionando de acordo com os mais tradicionais ideais aristotélicos de conhecimento.

Rejeitando a tese platônica segundo a qual o conhecimento do real é, por sua vez, o conhecimento do que é permanente, imutável, imóvel e verdadeiro — as formas — e que não estão neste mundo que, por seu turno, é o posto disso, ou seja, impermanente, mutável, móvel e falso, Aristóteles pensava que para conhecermos a verdade deveríamos conhecer a imensurável gama de objetos que compõem o mundo, em sua unicidade. Mas, dada a imensurabilidade dos objetos e também da tarefa dos filósofos, a filosofia deveria ser dividida em “especialidades” (não no sentido moderno), cada filósofo ou grupo deles se debruçando em algum ramo do saber. Assim, por exemplo, pensadores que desejassem saber sobre a causa formal de uma montanha se separariam dos que desejassem saber o mesmo sobre vacas, não por uma imposição dogmática qualquer, mas por que a imensa gama de objetos por investigar dificultaria a possibilidade se conhecer diferentes tipos de objetos. Por outro lado, os que investigassem vacas, montanhas ou o que quer que fosse, escreveriam tratados sobre

⁵ Ver *Vit. Par., Vida de Alexandre*.



seus estudos, apontando seus métodos e conclusões (e, por que não, aporias?), eles coletariam espécimes para aumentar a persuasão de suas provas e, obviamente, precisariam de um enorme lugar para guardar os tratados e espécimes e etc., um lugar onde qualquer um interessado em aprender sobre montanhas, vacas, sapos, plantas exóticas dos confins do Império Macedônico, constituições antigas de povos esquecidos e cosmogonias babilônicas (e etc.) pudesse consultar a bibliografia disponível e, se fosse o caso, também ver os espécimes. Esse lugar era a Biblioteca de Alexandria conforme idealizada pelos Ptolomeus.

Muito mais desprezível do que o Liceu, a Academia era um local onde quem quisesse conhecer os meios para se atingir a verdade além, através da dialética e da geometria, poderia frequentar, os interessados poderiam também lá aprender as verdades já disponíveis e que não poderiam ser divulgadas em respeito a um voto de silêncio, que, ironicamente, é o que nos declara a origem da idéia de Platão de criar uma escola em torno de si e dos seus ensinamentos: Pitágoras e o pitagorismo. Os laços de Platão com o pitagorismo e sua ligação principalmente com Arquitas de Tarento e Filolau de Crotona se tornaram questões pertinentes já no séc. IV a.C.,⁶ mas, apesar da antiguidade dessas questões, não há, como não houve, respostas satisfatórias para elas. Contudo, mesmo que de forma tênue, é bastante provável que Platão em alguns aspectos tenha se inspirado nos pitagóricos, entre eles o aspecto institucional de sua escola.

Assim, se retornarmos à noção de que as escolas socráticas de modo geral não perduraram, com a exceção da Academia e do Liceu, por não terem sido tão bem estruturadas quanto as que perduraram, podemos responder que:

- 1- não fazia parte do socratismo de forma geral, incluindo o que se sabe sobre a filosofia do próprio Sócrates, a necessidade de se ensinar escolarmente a filosofar;
- 2- Aristóteles pôde bem estruturar uma escola baseando-se na Academia, essa, contudo, não se baseou em uma estrutura anterior de matriz socrática, mas pitagórica.

⁶ Para mais ver 'KAHN, C. *Pitágoras e os Pitagóricos: uma breve história*. São Paulo: Edições Loyola, 2007', págs 61-88.



Mas, fato é que as filosofias socráticas, com a exceção das duas sobreviventes supracitadas, vieram a desaparecer em torno do fim do séc. IV e ao longo do séc. III a.C., ao que se atribui corriqueiramente como outra possível causa o desenvolvimento e crescimento do domínio do Império Macedônico.

Filipe II, pai de Alexandre, era filho do rei Amintas III e foi o responsável por expandir os domínios macedônicos, bem como por encerrar o domínio ilírio sobre seu reino. Ele começou a controlar a Macedônia em 359 a.C. como tutor de seu sobrinho, então rei, Amintas IV. A Grécia à época estava destrocada pela Guerra do Peloponeso que obrigara as cidades-Estado a se organizarem em ligas, a Liga Anfictiônica, por exemplo, ditava regras de conduta em assuntos religiosos e outros e, em particular, administrava o Templo de Apolo em Delfos, tendo, por isso, enorme poder. Dessa liga muitas cidades-Estado e reinos, como a Macedônia, faziam parte, contudo uma minoria de cidades poderosas rejeitava as decisões da liga: Atenas e Esparta, e também Acaia, Feras e a Fócida que viria a travar uma guerra contra Tebas, a Guerra Sagrada na qual a Macedônia, sob Filipe que agia em nome da Liga Anfictiônica, teria um papel fundamental. Em decorrência das vicissitudes dessa guerra cujos detalhes não nos interessam por hora, Atenas e Macedônia viriam a divergir.

Após conduzir a Liga Anfictiônica à vitória contra a Fócida e todas as outras cidades “traidoras”, Filipe propôs uma concórdia das cidades-Estado e reinos gregos, inclusive as semibárbaras Macedônia e Trácia. Filipe, assim, agia de acordo com o desejo de uma parcela de intelectuais gregos como os atenienses Xenofonte e Isócrates, esse último, inclusive, chegara a exortar Filipe a unir toda a Grécia em marcha contra os Persas. Mas uma outra parcela das populações notadamente de Atenas, Esparta e Tebas rejeitava peremptoriamente conceder tamanho poder a Filipe, começaria então a contenda contra Atenas que teve seu desfecho com a derrota das tropas dos atenienses e seus aliados (Beócia, Megara, Corinto, Aquéia) compostas por cerca de trinta e cinco mil homens na célebre batalha de Queroneia (338 a.C.). Mas, contrariando o esperado, Atenas derrotada foi tratada com ‘generosidade’ e Alexandre, que participara da batalha, liderou uma guarda de honra que levou as cinzas dos atenienses mortos a Atenas — um tributo único para um inimigo derrotado — e os mais de dois mil prisioneiros atenienses foram libertados sem resgate. Diante do avanço de Filipe pelo



Peloponeso as últimas cidades hostis rendiam-se e as aliadas regozijavam-se, somente Esparta restou como cidade hostil.

É difícil, a princípio e remetendo-se tão-somente ao que nos relata a história, imaginar um nexos causal que una o crescente poder de Filipe junto à Liga Anfictiônica e a consolidação do domínio macedônico sobre os gregos ao sumiço das filosofias socráticas em Atenas, mas um olhar um pouco mais acurado pode nos revelar esse nexos causal que, penso eu, é deveras frágil: Atenas, após a derrota na batalha de Queroneia, teria perdido a autonomia deliberativa a qual estava acostumada e que demandava uma participação tão esmerada dos cidadãos, os atenienses agora passariam a obedecer aos ditames de um rei estrangeiro e semibárbaro, não haveria razões para suscitar entre os cidadãos um aprimoramento moral de qualquer feitio com vistas a um bem que repercutisse nas coisas da cidade, a cidade escapava do domínio do cidadão.

Contudo, penso que o supracitado nexos causal não é totalmente verossímil, primeiramente porque o domínio macedônico era desejado por cidadãos atenienses bastante influentes como os já citados Xenofonte e Isócrates e, portanto, não havia uma rejeição unânime desse domínio entre atenienses; e, mais importante, se de fato Platão propunha um aprimoramento do sujeito que era contíguo ao aprimoramento da cidade, os Cínicos, por sua vez, rejeitavam o *nómos* da *pólis*⁷, qualquer que fosse ele, por que eles preconizavam um tipo de aprimoramento que consistia em viver de uma forma autárquica que rejeitava as convenções humanas em favor de uma vida vivida em conformidade com os ditames da natureza. Em suma, para os Cínicos, se a cidade fosse uma democracia, uma aristocracia, uma oligarquia, uma tirania ou submissa a uma monarquia estrangeira, todas essas formas de poder, indiferentemente, inviabilizariam a autarquia cínica e seriam obstáculos à felicidade. O mesmo se pode dizer sobre os Megáricos que, no âmbito moral, se assemelhavam muito a “Cínicos moderados”. Os hedonistas Cirenáicos, por outro lado, opostamente aos Cínicos, consideravam que a felicidade só poderia ser alcançada pela satisfação imediata dos prazeres quaisquer que fossem eles, eles calculavam os prazeres que deveriam ser mais urgentemente satisfeitos e muitos deles só poderiam sê-lo em uma vida de corte, dificilmente

⁷ Palavras de Antístenes: ‘O sábio não deve viver segundo as leis vigentes na cidade, mas segundo as leis da virtude.’ (*D.L.* VI 11).



filósofos discípulos de Aristipo de Cirene evitariam os luxos da corte macedônica. Quanto ao Liceu, como já dito, Aristóteles fora mestre de Alexandre cuja corte incluía vários proeminentes filósofos peripatéticos, além disso, pensemos no também já referido apoio macedônico à construção da Biblioteca de Alexandria e na reconstrução empreendida por Alexandre da cidade natal de Aristóteles, Estagira.

Se, então, a filosofia de Platão preconizava um aprimoramento do sujeito que redundava no aprimoramento da *pólis*, posto que essa era a coletividade dos sujeitos, podemos concordar que a perda do poder deliberativo pode ter diminuído o interesse por um aperfeiçoamento do homem entendido como cidadão. Mas, estranhamente, a escola de Platão não foi uma das que se extinguiu no período helenístico, pelo contrário, contudo, passou, sim, a se ater menos a questões cívicas.

A filosofia de Aristóteles, apesar de ser tão respeitada pelos macedônicos, tem vagarosamente sua importância subtraída. O mesmo ocorrerá com o Cinismo, o Megarismo e o Cirenaísmo. De fato, as três últimas escolas citadas eram mal institucionalizadas enquanto escolas, mas, como já sabemos, para elas isso não era importante. E, se ao passo que Aristóteles e seus pupilos gozavam de certo status entre macedônicos, o mesmo não acontecia incondicionalmente com os filósofos dos outros sectos socráticos. Contudo, Cínicos, Megáricos e Cirenaicos não se importavam tanto com a *pólis* de Atenas e com a vida cívica ao ponto de se abalarem com o fim da Assembléia⁸ e, então, o crescimento do domínio do Império Macedônico sobre a cidade

⁸ Como um outro fator que contribui fortemente para o desinteresse com relação às coisas da Assembléia de Atenas temos que boa parte dos filósofos socráticos era estrangeira e não podia deliberar. Assim, entre os filósofos Cirenaicos, Aristipo, o fundador do Cirenaísmo, era de Cirene, seus sucessores diretos foram sua filha Areté e Antípatros, ambos de Cirene, e também Aitíops de Ptolemaís. Aristipo neto era de Cirene e filho de Areté, dele foi discípulo o também Cirenaico Teodoro o ateu. Além desses temos Epitímidas, Paraíbatas, Hegesias e Aníceres, todos de Cirene e, portanto, estrangeiros em Atenas e, então, mesmo que quisessem, sem a menor possibilidade de deliberar tendo em vista que não eram cidadãos. Entre os Megáricos, temos o fundador Euclides, nativo de Megara, seguido por Ebulides de Mileto, Alexinos de Élide, Êufantos de Ôlintos, Apolodoro Cronus e Diodoro Cronus, ambos de Cirene embora o segundo tenha vivido a maior parte da sua vida em Alexandria na corte de Ptolomeu I Sóter. Além desses temos Cleinômacos de Túrioi e Estilpo de Megara. Foi somente com Estilpo que a escola ganhou uma maior notoriedade e pensadores atenienses passaram a ir ao seu encontro, inclusive abandonando suas filiações filosóficas anteriores, para serem seus alunos. Contudo, Estilpo não fazia filosofia somente em Atenas, de fato, viveu a maior parte de sua vida em sua Megara natal, onde teria morrido. Também Diodoro Cronus ganhou notoriedade entre atenienses e alexandrinos, mas desertou da Escola Megárica fundando um círculo de aperfeiçoamento em lógica, retórica e dialética chamado de Escola Dialética. Como podemos ver, entre Megáricos não há sequer um ateniense, exceto alguns seguidores de Estilpo e Diodoro.



ateniense também apresenta-se como uma resposta implausível para o fim dessas escolas socráticas.

Existe ainda uma contra-parte do argumento que alega que há uma causalidade histórica que liga a expansão macedônica e o fim das escolas socráticas segundo a qual as filosofias deslocariam sua preocupação com um bem viver realizado na e para a *pólis* para um bem viver pessoal realizado na própria vida do sujeito e que não se fiaria mais em um fim político, justamente por não haver mais uma Assembléia e cessar a participação dos cidadãos nas coisas da cidade. Essa parte do argumento é utilizada mais para justificar a aurora das três mais importantes filosofias do período helenístico (Estoicismo, Epicurismo e Ceticismo) do que para explicar o ocaso das filosofias socráticas.

Por hora, basta considerarmos a possibilidade de haver uma ligação entre o surgimento das filosofias helenísticas e o desaparecimento das filosofias socráticas, é nessa hipótese que nos concentraremos daqui por diante. Mais especificamente, a hipótese a ser aqui analisada é a de que o Estoicismo veio a suplantando algumas das escolas socráticas em Atenas, é claro que isso se relaciona com a nova conjuntura

Entre os Cínicos, Antístenes, o fundador era ateniense, mas não de puro sangue ático, sua mãe era da Trácia. Seu discípulo Diógenes era de Sínope e foi sucedido por Mônimos de Siracusa e por Onesícrito de Ágina ou de Astipaláia, ambas ilhas egéias, Onesícrito é célebre por ter feito parte da corte de Alexandre de quem escreveu uma biografia que provavelmente inspirou Plutarco. Após, temos o tebano Crates, Metroclés e sua irmã Hipárquia, ambos de Marôneia, a última foi amante de Crates com quem protagonizou cenas réprobas para a sociedade ateniense de sexo, alimentação e excreção em público. E, finalmente, o escravo fenício Mênipos e Menêdemos de Lampsaco. Se não desdenhassem as coisas da cidade, o que não era o caso, os Cínicos não teriam nenhum papel na Assembléia tendo em vista que eram estrangeiros.

Mesmo entre os discípulos de Platão e escolarcas da Academia até a fase Média a maioria era oriunda de fora de Atenas: Espeusipo era ateniense, Xenócrates era da Calcedônia, Pólemon era ateniense, bem como Crates (não confundir com o homônimo Cínico). Crântor era de Sóloi, Arcesilao de Pitane, Bion de Boristenes, Lacides e Carnéades de Cirene e, finalmente, Clitômaco era cartaginês de origem fenícia.

Entre os sucessores de Aristóteles, ele próprio um estrangeiro de Estagira que inclusive sofreu com o sentimento anti-macedônico que dominou Atenas após a derrota na batalha de Querônéia e teve, por isso, que exilar-se com medo de ser morto, temos Teofrasto de Êresos, Stráton de Pitane que era filho do Arcesilao supracitado e que foi mestre de Ptolomeu II Filadelfo. Seguido por Lícon da Tróade, Demétrio de Faléron e Heracleides do Ponto.

Diante disso, pergunto-me: como é possível alegar que as filosofias socráticas sucumbiram porque sua preocupação maior, um aprimoramento do sujeito enquanto cidadão que aprimoraria a própria cidade, terminou com o Império Macedônico por que também terminou a capacidade deliberativa dos cidadãos, se o grosso dos próprios filósofos socráticos não era de cidadãos de Atenas que, portanto, não tinham como deliberar? Por outro lado, o estrangeirismo dos filósofos socráticos carrega uma chave para entendermos qual, verdadeiramente, a relevância do imperialismo macedônico em conexão com as escolas de filosofia, como veremos na próxima seção sobre ‘O primeiro Estoicismo’.



sócio-política inaugurada pelo imperialismo macedônico e também com a estrutura das escolas socráticas, mas de uma outra maneira sutilmente diferente.

ii- Zenão de Cítio:

Seguindo na nossa discussão sobre a desaparecimento das filosofias de matriz socrática nos séc. IV e III a.C., ou pelo menos a diminuição de sua influência, demos uma olhada no que se pode saber sobre um fenício de Chipre, da cidade de Cítio, chamado Zenão. Se estiver certo, as filosofias socráticas não desapareceram, foram absorvidas pelas filosofias helenísticas, suas legítimas continuadoras. Devo ressaltar que a hipótese ventilada aqui cabe também ao Epicurismo (e assim o Cirenaísmo seria absorvido pelo Epicurismo e nele continuaria), e de alguma forma também aos Ceticismos de modalidade Pirrônica e Acadêmica.

Os achados arqueológicos na ilha de Chipre nos indicam que ela começou a ser ocupada em torno de 10.000 a.C., tendo sido cobiçada por hititas, assírios e persas, sua localização é estratégica porque permite o acesso dos povos levantinos ao Mar Egeu pelo sudeste. A ocupação por colonos fenícios que buscavam um porto mais avançado no Mediterrâneo Oriental do que os disponíveis na região das atuais Síria e Líbano começou por volta do séc. VIII a.C. Em seguida, quando da expansão persa, a ilha de Chipre passou a ser dominada pelo Império Aquemênida que submeteu os colonos fenícios a taxas excruciantes. Quando, por sua vez, da derrota de Atenas e suas aliadas na batalha de Queroneia pelas falanges macedônicas e do sucessivo clamor de Filipe para que os gregos a ele se juntassem contra os persas, montou-se o cenário para a expansão dos macedônicos e o espalhamento da cultura grega, projeto levado a cabo por Alexandre que, em muitos casos, preferia construir alianças contra os persas (e, em alguns casos, com eles próprios desde que contra Dario III Codomano). Uma importante aliança suscitada pela política de Alexandre foi, de modo geral, com os fenícios para obter, assim, o domínio sobre o mar, coibindo uma possível revolta de Atenas que dispunha de uma grande frota marítima, e também Esparta que permanecia hostil ao domínio macedônico e arquitetava incessantemente um revide contra



Alexandre⁹. Assim, o avanço da cultura grega engendrado por Alexandre foi razoavelmente bem-vindo entre cipriotas. No ambiente, então, de uma Chipre amplamente helenizada, Zenão, fenício e filho de pais fenícios, cujo pai era um mercador de púrpura que trazia sempre consigo de Atenas livros de e sobre filosofia, acabou tendo em si inculcando o interesse pela filosofia desde pequeno.

No anedotário típico do período helenístico e que serve muitas vezes de fonte para Diógenes Laércio, vemos um Zenão mercador, estereótipo de fenício para os gregos, que naufraga com sua nau perto do Pireu, ele então se dirige para Atenas e vai até uma livraria, fica muito satisfeito com a leitura das *Memoráveis* de Xenofonte e, no exato momento em que passava por lá o Cínico Crates, Zenão pergunta ao livreiro onde poderia encontrar homens como Sócrates, e o livreiro simplesmente aponta para Crates e diz: “Segue aquele homem!”¹⁰.

Antes de prosseguirmos na questão sobre as filiações filosóficas de Zenão, façamos mais um interlúdio sobre a mudança no panorama sócio-político de Atenas e do mundo grego suscitada pelo imperialismo macedônico. Ao invés de endossarmos a tese corriqueira, mas implausível, de que as filosofias socráticas perderam seu viço junto com o fim da *pólis*, tese essa que já teve acima sua fragilidade exposta, cogitaremos uma hipótese oposta, a de que as escolas socráticas (e também a última das escolas físicas, a escola Abderita ou Atomista) tiveram um apelo muito mais abrangente e que pôde ressoar para além da própria Hélade. Oferecemos como evidências dessa

⁹ De modo geral, para mais sobre as Guerras Médicas ver *Hist.* e sobre a relação entre fenícios e persas ver: ‘JIGOULOV, Vadim S. *The Social History of Achaemenid Phoenicia: Being a Phoenician, Negotiating Empires*. Londres: Equinox Publishing, 2010’. Uma fonte disponível sobre a expansão fenícia pelo Mediterrâneo e além é ‘HANNO. *The Periplus of Hanno: A Voyage of Discovery Down the West African Coast* (1912). Nova Iorque: Cornell University Library, 2009’. Sobre a interação entre gregos e fenícios ver: ‘AUBET, Maria Eugenia. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993’; ‘BLASQUEZ, Jose M. *Fenícios y cartagineses en el Mediterraneo*. Madrid: Ediciones Catedra S.A., 2004’; ‘BRANIGAN, Ciaran. **The Circumnavigation of Africa. In:** Classics Ireland vol. 1. Dublin: Classical Association of Ireland, 1994’; ‘FREEMAN, Edward Augustus. *The History of Sicily from the Earliest Times: Volume 1. The Native Nations: The Phoenician and Greek Settlements*. Boston: Adamant Media Corporation, 2001’; ‘WACHSMANN, Shelley. *Seagoing Ships & Seamanship In The Bronze Age Levant* (Ed Rachal Foundation Nautical Archaeology). Texas: Texas A&M University Press, 2008’; ‘WARD. *The Role of the Phoenicians in the Interaction of Mediterranean Civilizations*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1995’; ‘REED, C.M. *Maritime Traders in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004’. Sobre a aquisição pelos gregos da tecnologia náutica ver: ‘DAVISON, J. A. *The First Greek Triremes*, em *The Classical Quarterly*, Volume 41. Cambridge: Cambridge University Press, 1947’.

¹⁰ Ver *D.L.* VII 2-3.



hipótese o aumento da quantidade de adeptos das escolas que ocorre no mesmo período da consolidação do Império Macedônico, e também a origem desses adeptos que em sua imensa maioria é oriental.

Para nós, essas evidências expressam que a propaganda macedônica dirigida aos gregos de que Alexandre vingaria a Hélade, outrora aviltada pelo assédio dos bárbaros persas, havia surtido o efeito esperado¹¹, de fato, a única cidade-Estado ainda a rebelar-se contra os macedônicos era Esparta que havia se aliado aos persas¹². Além disso, ao criar-se um inimigo pan-helênico em comum e um herói vingador macedônico, a soberania de Alexandre estaria garantida na Grécia e o fantasma de um inimigo interno, vizinho e grego estaria afastada¹³. A parte central da Grécia passou, então, a gozar de uma certa paz que se refletiu no restabelecimento da economia e que fez com que as exportações e importações crescessem, como evidência material basta citar o brusco crescimento das cunhagens macedônicas da dracma ateniense e o aumento do seu alcance¹⁴. Esse momento fugaz de esplendor econômico pode ter sido um dos principais fatores a atrair estudiosos de todos os confins do Império para Atenas e Alexandria, além das novas rotas de comércio e a facilidade de uma língua franca comum (*koiné*). Se assim for, será irrefutável que não há uma relação real entre o domínio macedônico e o ocaso das filosofias socráticas e mais, também será irrefutável que na realidade houve um crescimento excepcional dessas filosofias no período helenístico. Contudo, mesmo tendo um período de crescimento notável, essas filosofias desapareceram, como causa para isso proponho como hipótese que as filosofias socráticas foram, na verdade, absorvidas pelas filosofias helenísticas. É nesse argumento que debruçar-nos-emos a partir de agora e, como exemplo, remeter-nos-emos às filiações de Zenão ao chegar em Atenas.

¹¹ Sobre a máquina macedônica de propaganda ver: 'ASHERI, D. *O Estado Persa; ideologias e instituições no Império Aquemênida*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006'.

¹² Ver *Vit. Par., Vida de Alexandre*.

¹³ Os traumas da Guerra do Peloponeso ainda estavam razoavelmente frescos na memória dos gregos, uma guerra que, como toda guerra civil, coloca irmãos contra irmãos. Ver *Tucid.*

¹⁴ Para mais sobre a economia na Grécia antiga e questões de numismática ver: 'AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1986' e 'TOUTAIN, Jules François. *L'Economie Antique*. Paris: La Renaissance du Livre, 1927'. Sobre as moedas especificamente na região da Jônia ver: 'HEAD, Barclay Vincent. *Catalogue of the Greek Coins of Ionia*. Boston: Adamant Media Corporation, 2001'.



Voltando, então, a Zenão e suas filiações filosóficas têm-se que seu primeiro professor foi o Cínico Crates. Possivelmente, o que interessou a Zenão fossem as respostas práticas e imediatas oferecidas pelos Cínicos em resposta aos *nómoi* da cidade, tendo em vista que eles, para quem a excelência dos sábios é auto-suficiente, rejeitavam como supérfluas todas as convenções sociais e procuravam um estilo de vida indiferente, chegando mesmo a ser escandaloso. De fato, a influência da sua doutrina ética em que a excelência (*aretê*) era a auto-suficiência (*autarkéia*)¹⁵ é bastante profunda sobre as escolas helenísticas, contudo em nenhuma outra escola se faz sentir mais do que no Estoicismo, de modo que o primeiro e mais controverso dos vinte e sete livros atribuídos a Zenão (a *República*) era uma proposta de reformulação da cidade em que se deveria abolir a maior parte das instituições cívicas, como templos, moedagem, tribunais, casamentos e diferenças entre os sexos¹⁶. Ainda assim, Zenão nunca chegou a propor um estilo de vida inteiramente Cínico, homem reservado que era¹⁷, ele acabou por tomar a indiferença Cínica como austeridade, ou seja, um princípio muito mais sociável do que o preconizado pelos Cínicos e que posteriormente se tornaria elogiável por sua conformidade com os costumes da cidade, enquanto que, de fato, os Cínicos se tornariam reprováveis justamente por seu inconformismo, tendo em vista que preferiam viver ‘sem cidade, sem lar, banido[s] da pátria, mendigo[s], errante[s], na busca diuturna por um pedaço de pão’¹⁸.

Uma outra notável diferença da filosofia de Zenão com relação à dos Cínicos é que para os últimos tudo o que se situava entre a excelência e a deficiência era

¹⁵ Ver *D.L.* VI 22: ‘Conta Teofrasto em seu *Megárico* que certa vez Diógenes, vendo um rato correr de um lado para o outro, sem destino, sem procurar um lugar para dormir, sem medo das trevas e não querendo nada do que se considera desejável, descobriu um remédio para suas dificuldades. Segundo alguns autores ele foi o primeiro a dobrar o manto, que tinha de usar também para dormir, e carregava uma sacola onde guardava seu alimento; servia-se indiferentemente de qualquer lugar para satisfazer qualquer necessidade, para o desjejum ou para dormir, ou conversar; sendo assim, costumava dizer, apontando para o pórtico de Zeus e para a Sala de Procissões que os próprios atenienses lhe haviam proporcionado lugares onde podia viver.’.

¹⁶ Há uma compilação de todos os fragmentos de Zenão, incluindo os da *República*. Ver: ‘Von ARNIN, I. *I Frammenti degli Stoici Antichi, vol. I: Zenone*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1932.’.

¹⁷ Ver *D.L.* VII 3: ‘[Zenão] era muito tímido para adaptar-se ao despudor Cínico. Percebendo essa resistência e querendo superá-la, Crates deu-lhe uma panela cheia de sopa de lentilhas para levar ao longo do Cerameicôs; vendo que ele estava envergonhado e tentava esconder a panela, Crates partiu-a com um golpe de seu bastão. Zenão começou a fugir, enquanto as lentilhas escorriam de suas pernas, e Crates disse-lhe: “Por que foges, meu pequeno fenício? Nada te aconteceu de terrível”.’.

¹⁸ Citação de um fragmento trágico anônimo (frag. 984, Nauck) usualmente citado pelo Cínico Diógenes, ver *D.L.* VI 38.



indiferente, ao passo que para Zenão havia bens (e males) corporais externos que poderiam ajudar (ou dificultar) a obtenção da sabedoria e da felicidade, embora não fossem por si sós alvos morais. A adesão de Zenão a essa concepção e a rejeição da concepção ética Cínica que alega que esses bens são indiferentes foi-lhe incutida por Pólemon e é a maior contribuição da filosofia da Academia ao seu pensamento.

Em seguida, talvez buscando uma fundamentação teórica mais forte, coisa rejeitada pelos Cínicos para quem, seguindo o modelo de Sócrates, a filosofia era estritamente uma forma de vida, Zenão rompeu com os Cínicos e passou a ouvir preleções de Estilpo de Megara. Os filósofos Megáricos também viam a filosofia como forma de vida e concordavam com a idéia de excelência como auto-suficiência embora não fossem tão radicais como os Cínicos. Além disso, os Megáricos não rejeitavam e, pelo contrário, incentivavam a necessidade de um amplo amparo teórico, notadamente acerca de técnicas discursivas para aumentar a capacidade dialética dos adeptos. E também, Estilpo possuía alguns argumentos metafísicos que o levaram a rejeitar os universais e¹⁹, por ser um professor afamado e de vasta audiência²⁰, fez com esses argumentos se tornassem bastante influentes sobre a epistemologia helenística, notadamente amplificando a predileção por teorias empiristas.

A outra filiação de Zenão era à Escola Dialética, um círculo de especialização em lógica e modos de argumentação bastante popular no período helenístico. Lá, Zenão foi aluno de Diodoro Cronus que popularizou uma coleção de quebra-cabeças que se tornariam centrais na dialética helenista e, ao mesmo tempo, ele e seus pupilos desenvolveram a lógica proposicional com tanto sucesso que ela se tornou, na mão dos

¹⁹ Ver *D.L.* II 119: ‘Sendo extraordinariamente hábil nas controvérsias, ele negava a validade até dos universais, e dizia que quem afirma a existência do homem não significa os indivíduos, não se referindo a este ou àquele; de fato, porque deveria significar um homem mais que outro? Logo, não quer dizer este homem individualmente. Da mesma forma, “verdura” não é esta verdura em particular, pois a verdura já existia há dez mil anos; logo, “isto” não é verdura.’

²⁰ Ver *D.L.* II 113: ‘Pela inventividade em relação a argumentos e pela capacidade sofisticada [Estilpo] sobrepujou a tal ponto os outros filósofos que quase toda a Hélade tinha os olhos postos nele e aderiu à Escola Megárica. Sobre ele Filipo de Megara exprimiu-se textualmente com as seguintes palavras: “De Teofrasto Estilpo conquistou para a sua escola o teórico Metrodoro e Timogenes de Gela; de Aristóteles [filósofo Cirenáico], Clêitarcos e Símiás; dos próprios dialéticos conquistou Paiônios; de Aristides, Dífilos do Bósforo, filho de Eufantos, e Mírmex, filho de Exáinetos; os dois últimos tinham vindo a ele para refutá-lo, porém tornaram-se seus prosélitos devotados”.’ Após o trecho citado ainda há uma longa lista de pensadores influenciados por Estilpo.



Estóicos, unânime como a lógica da era helenista, rapidamente eclipsando a lógica de termos do Peripatos.

Bem, munidos agora da informação necessária sobre as filiações de Zenão, podemos finalmente iluminar a questão sobre o desaparecimento das escolas socráticas, conforme dito anteriormente, minha hipótese é a de que as escolas helenísticas absorveram-nas. Assim, poderíamos, na tentativa de endossar nossa hipótese, citar cronologias, de modo que a fundação do primeiro círculo de filósofos em torno de Zenão (na época chamado de ‘círculo zenoniano’, ao invés de Estoicismo) por volta de trezentos a.C. marca o momento do começo do declínio das escolas socráticas que influenciam a filosofia de Zenão. Mas, mais do que isso, oferecemos como prova contundente o fato de que os próprios Estóicos gostavam de ser genericamente chamados de ‘socráticos’²¹, reivindicando essa linhagem por saberem que haviam absorvido a teses mais importantes dos seus predecessores e os sobrepujado. No que concerne à doutrina filosófica, a pretensão à linhagem socrática se evidencia especialmente no sistema ético Estóico onde há uma identificação entre o bem e o conhecimento²². Além disso, o ideal do sábio Estóico, totalmente bom, feliz, tranqüilo e notoriamente difícil de ser alcançado, devia muito de sua inspiração a Sócrates, cuja vida simples e, sobretudo, a morte resignada, se tornaram exemplos a serem seguidos mesmo na última fase, a romana, do Estoicismo, e vieram a influenciar Catão, o jovem, e Sêneca em suas mortes.

iii- Referências Bibliográficas:

- **ARNIN**, Von. *I Frammenti degli Stoici Antichi, vol. I: Zenone*, traduzido por Festa, Nicola. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1932.
- **BEVAN**, Edwyn. *Stoïceiens et Sceptiques*. Paris: Société d’Édition “Les Belles-Lettres”, 1927.
- **BOLZANI**, R. *A Epokhé Cética e Seus Pressupostos*, em Sképsis, n° 3-4, 2008.
- **BROCHARD**, Victor. *Os Céticos Gregos*, traduzido por Conte, Jaimir. São Paulo:

²¹ Ver *De Stoi*. XIII 3: ‘os estóicos pretendem ademais ser chamados de socráticos’.

²² Embora, para os Estóicos haja a possibilidade da *akrasia*, diferentemente de Sócrates.



Editora Odysseus, 2010.

- **BUCKLEY**, M. J. *Philosophic Method in Cicero*; in: Journal of History of Philology, vol. 8, n° 2, 1970.
- **BURNYEAT**, Milles F. *Can the Sceptic Live his Scepticism?*; in: BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Claredon Press, 1980.
- ----- *The Sceptic in His Place and Time*, in: *The Original Sceptics*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.
- **BRUNSCHWIG**, Jacques. *Estudos e Exercícios de Filosofia Grega*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- **CARVALHO**, Guilherme Pereira de. *Ceticismo Antigo e o Problema do Critério*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia da PUC- Rio, 1999.
- **CORNFORD**, F. M. *Antes e Depois de Sócrates*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- **COUSSIN**, Pierre. *L'origine e L'évolution de L'EPOXH*; in: *Revue des Etudes Grecques*, n° 42, 1929.
- **DETIENNE**, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- **EMPIRICUS**, Sextus. *Outlines of Pyrrhonism*, traduzido por Bury, R.G.. EUA: Prometheus Books, 1990.
- ----- *Against the Ethicists*, traduzido por Bett, R. Oxford: Claredon Press, 2007.
- ----- *Against the Grammarians*, traduzido por Blank, D. L. Oxford: Claredon Press, 2007.
- **FONSECA**, José Nivaldo da. *Logos Filosófico Terapêutico, desde a Antiguidade até Sextus Empíricus*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia da PUC- Rio, 2000.
- **FOUCAULT**, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- **FREDE**, Dorothea. *How Sceptical Were the Academic Sceptics?*; in: POPKIN, R.



- H. org. *Scepticism in the History of Philosophy*. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- **FREDE**, Michael. *As Crenças do Cético*; in: *Sképsis*, n° 3-4, 2008.
 - -----*The Sceptic's Two Kinds of Assent and the Question of the Possibility of Knowledge*; in: *The Original Sceptics*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.
 - **HADOT**, Pierre. *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*. Paris: Éditions Albin Michel, 1993.
 - **INWOOD**, Brad. (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.
 - **KIRK**, G. S.; **RAVEN**, J. E.; **SCHOFIELD**, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.
 - **LAÉRCIO**, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, traduzido por Kury, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB.
 - **LONG**, A.A.; **SEDLEY**, D.N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
 - **MARCONDES** de Souza Filho, Danilo. *A "Felicidade" do Discurso Cético: o Problema da Auto-refutação do Ceticismo*; in: *O Que Nos Faz Pensar*, n° 8, 1994.
 - -----*Juízo, Suspensão do Juízo e Filosofia Cética*; in: *Sképsis*, n° 1, 2007.
 - -----*Noûs vs Logos*; in: *O Que Nos Faz Pensar*, n° 1, 1989.
 - **MOREAU**, Pierre-François, (org.) *Le Stoïcisme au XVI et au XVII Siècle: le Retour des Philosophies Antiques à L'âge Classique*, volume I. Paris: Éditions Albin Michel, 1999.
 - **RORTY**, R.; **SCHNEEWIND**, J. B.; **SKINNER**, Q.; org. *Philosophy in History: Essays on the Historiography of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
 - **SEDLEY**, David. *The Protagonists*; in: **BARNES**, J; **SCHOFIELD**, M; **BURNYEAT**, M. *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Clarendon Press, 1980.



- **SELLARS**, J. *Stoicism*. Berkeley: University of California Press, 2006.
- ----- . *The Stoic Criterion of Identity*; in: *Phronesis*, n° 27, 1982.
- **SHIELDS**, Christopher. *The Truth Evaluability of Stoic Phantasai : Adversus Mathematicos VII 242-46*; in: *Journal of History of Philosophy*, volume 31, n° 3, 1993.
- **STRIKER**, Gisela. *Greek Ethics and Moral Theory*; in: *The Tanner Lectures on Human Values*, 1987.
- ----- . *Sceptical Strategies*; In: BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M (org.). *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Claredon Press, 1980.
- **WILLIAMS**, Michael. *Unnatural Doubts, Epistemological Realism and the Basis of Scepticism*. Princeton: Princeton University Press, 1996.